

O samba na Educação Física escolar: na batucada dos nossos tantãs

Pedro Xavier Russo Bonetto

O relato de prática em questão descreve as atividades pedagógicas da Educação Física escolar que aconteceram no segundo semestre do ano de 2019, na EMEF Olavo Pezzotti, em São Paulo. O professor de Educação Física da escola é membro do Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar (GPEF) e, nesse semestre, as atividades desenvolvidas na escola puderam ser discutidas com o coletivo, contando com as críticas e sugestões dos/as colegas do grupo. Assim, a prática pedagógica se constituiu como uma experiência agenciada, onde professor e os participantes do GPEF dialogaram pensando na escrita curricular¹.

O tema danças para as crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental foi pensado a partir da observação que elas fizeram do intervalo das colegas maiores. Nessa observação, as crianças menores viram que os/as alunos/as mais velhos costumavam usar caixinha de som, dançavam funk e gravavam vídeos para a internet. Em conversa sobre o tema que iríamos escolher para as aulas, algumas crianças disseram que queriam fazer dança, especialmente funk. Achei relevante por nunca terem estudado isso na escola e porque, provavelmente, pela quantidade de músicas e artistas que citaram deve ser um ritmo e uma dança bastante presentes nas suas vidas.

Pois bem, com caixa de som e celular conectado à internet, as crianças foram solicitando para o professor que colocasse algumas músicas. Alguns meninos pediram músicas de terror e músicas de *games*. Algumas meninas pediram músicas da novela infantil Carrossel, de desenhos animados e uma parte deles e delas pediram para ouvir *funk*.

Após uma aula onde as crianças solicitavam as músicas, o professor começou a reproduzir na caixa de som músicas de outros ritmos. Durante as duas primeiras semanas fizemos uma brincadeira de dançar e descobrir algo sobre a música (ritmo, cantor, nome da música, etc.). Buscando mapear o conhecimento das crianças sobre a dança e os ritmos, o professor elaborou uma atividade em que reproduzia samba, sertanejo, rock, forró, RAP,

¹ Quinzenalmente nos encontros do grupo de pesquisas. Antecipadamente, o professor enviava um breve relato das aulas, no dia da reunião apresentava algumas fotos e ouvia as sugestões dos colegas. Algumas sugestões foram prontamente seguidas, outras ficaram para momentos posteriores da experiência curricular e algumas não foram realizadas.

MPB e outros ritmos, e as crianças tinham que dançar e comentar sobre a música. Foi bastante interessante, mas notamos que elas conheciam poucos ritmos, cantores/grupos e músicas que não fossem de funk. Disseram, por exemplo, que músicas de *rock* eram RAP, forró era samba, MPB era rock, entre outras. Misturavam os ritmos, as formas de dançar e, de forma geral, recusavam tudo o que era muito diferente de funk. Alguns dançaram samba com uma das mãos na testa, imitando o estilo sofrência.

Nas aulas seguintes, o professor avisou aos alunos e alunas que iriam estudar e conhecer um ritmo por aula. Assim, começaram com o samba, especialmente por conta da sugestão de duas crianças da turma A, que dançam na *Pérola Negra*, escola de samba do bairro. Elas indicaram músicas de carnaval e as demais crianças dançaram imitando as colegas. Elas dançaram mudando as pontas do pé rapidamente, mexendo a mão e a cintura. Ainda nesta aula, algumas crianças pediram as músicas de uma novela, os sambas *Tá escrito (Grupo Revelação)* e *Cheia de Manias (Raça Negra)*.

Fotografia 1. Crianças dançando samba



Fonte: Imagem do autor

Esse foi um momento de êxtase, pois a maioria das crianças conheciam as músicas e dançaram muito empolgadas. Pediram para repetir uma das músicas e continuaram dançando bastante. Depois desse momento, o professor registrou que, exceto as duas colegas que frequentam a escola de samba, ninguém soube indicar outras músicas desse ritmo, bem como não conheciam outros artistas do samba.

Diante do que mapeou, o professor se colocou em dúvida: continuo com o samba? Pois, identifiquei que eles e elas sabem muito pouco sobre a dança. Por outro lado, sei que eles também não conhecem muito sobre outros ritmos. Não seria legal ter como objetivo tratar as danças de forma mais geral, apresentando várias danças/ritmos na mesma tematização? Talvez, uma a cada 2 aulas? Eles confundiram RAP com rock muitas vezes. As meninas levantaram a camiseta amarrando na gola para mostrar a barriga quando dançavam funk. Seria uma boa questão para se problematizar. Tudo isso foi amplamente debatido no GPEF. De forma geral, as sugestões foram continuar com a tematização do samba e ver o que ali tinha de potente.

Fotografia 2. Crianças tocando instrumentos



Fonte: Imagem do autor

Na aula seguinte, pensando em uma futura transição entre a tematização do samba e um outro ritmo, quando o professor foi buscá-los na sala, algumas crianças perguntaram se podiam pegar os instrumentos de samba que a escola tinha para usá-los na aula. Reconhecendo que a atividade seria muito relevante, ainda que esta não houvesse sido sua proposta, nem que ele havia planejado, o professor topou, pois achou bastante

pertinente o interesse das crianças. Usamos um tantã, dois pandeiros, um surdo pequeno, tamborim e uma caixa. Todos instrumentos infantis sem nenhuma afinação.

Conforme íamos tocando e revezando os instrumentos, o professor colocou vídeos de tutoriais ensinando a tocá-los. As crianças iam assistindo na quadra mesmo, pelo celular, mas a atividade não deu nada certo. As crianças ficavam pouco tempo assistindo, pois, os toques eram difíceis e não atraíam o interesse. Diferente disso, gostavam quando tocava uma música e eles e elas tentavam acompanhar.

Não tinham afinação, não estavam no mesmo ritmo das músicas, mas o professor percebeu que isso não era muito importante para as crianças. Voltamos a ouvir basicamente as músicas do *Grupo Revelação* e do *Raça Negra*. Às vezes, duas alunas pediam as músicas da escola de samba Pérola Negra, mas não empolgavam os colegas. Assim, compreendendo que o professor já desenvolvia suas aulas no formato de projetos, com várias aulas sobre o mesmo tema, as crianças já esperavam e ansiavam pelas aulas de samba. Não tivemos mais como passar para outro ritmo sem adensar no samba.

Nas próximas aulas, sabendo que coincidiam com o intervalo do Ensino Fundamental II e que o espaço da aula é muito próximo do recreio, o professor convidou alguns alunos e alunas maiores para que participassem da aula dos pequenos ensinando-os a sambar.

Fotografia 3. Alunas do nono ano ensinando alguns passos de samba



Fonte: Imagem do autor

No início foram uns 4-5 alunos e alunas mais velhos participando. Os meninos que dançavam *funk* no intervalo também participaram e conseguiram dançar samba muito bem. Três alunas do nono ano ensinaram alguns passos para as demais crianças, foram muito amáveis e demonstram muita felicidade quando sambaram. As crianças pequenas ficaram encantadas com a participação delas.

Em outra aula, o professor, buscando contextualizar historicamente o samba, mostrou aos alunos e alunas a música *Pelo Telefone*, do sambista Ernesto dos Santos (Donga). Comentou um pouco sobre a versão de que este seria o primeiro samba gravado e que era do Rio de Janeiro. Mais uma atividade pensada pelo professor que gerou interesse dos/as estudantes. Os poucos que ouviram acharam a música muito ruim, disseram que o áudio era ruim e quase que não dava para entender. Ainda nessa aula, o professor mostrou outra versão da mesma música, desta vez gravada pelo sambista Martinho da Vila. Com o som mais “limpo” e sem ruídos, os alunos e alunas se aproximaram um pouco mais, alguns até tentaram cantar e dançar. Importante foi notar que no momento em que as crianças não conseguiam apreciar as músicas ou a atividade, muitos alunos e alunas dispersavam, inventando outras brincadeiras, correram para outros cantos do pátio.

Na aula seguinte, quando me viram, alguns alunos e alunas falaram: “ah professor vai ser samba outra vez?”, “não quero mais samba”, “já enjoei”, etc. Dentro da sala de aula, solicitei que elaborassem um desenho sobre o que tínhamos estudado até então. Nesse dia, eles e elas foram me pedindo para ensinar a escrever (na lousa) algumas palavras: samba, samba enredo, pandeiro, tantã, revelação, *Pelo Telefone* e *Pérola Negra*.

Avaliando os desenhos produzidos pelas crianças, o professor notou que quando falou rapidamente sobre a bateria das escolas de samba, nos registros, vimos que eles desenharam baterias de *rock*. E assim, outras questões foram levadas e debatidas no GPEF: como adensar no samba sem que seja algo chato, uma vez que as falas sobre enjoar e não querer mais fazer apareceram. Como aprofundar nos aspectos sócio-históricos do samba, se o pouco que conseguimos apresentar com a música *Pelo Telefone* quase não atraiu a atenção? Claro que seria interessante convidar mais pessoas para falarem sobre o samba, a participação das meninas do Ensino Fundamental II ajuda muito, maravilhoso se conseguíssemos ir na escola de samba do bairro... O que fazer? O que podemos com o samba?

Pensando sempre nas sugestões e contribuições dos colegas do GPEF, o professor levou a turma para a salinha de TV da escola. Lá, ligou o notebook na televisão e começou

a conversar com os estudantes. A ideia inicialmente era apresentar o vídeo do *Tequinho*² - *o menino do samba*, mas pensamos que apesar de adequado para crianças, a ideia de elaborar uma atividade pedagógica e seus respectivos conteúdos precisa ser pensada a partir dos discursos dos/as estudantes, a partir de suas falas, de suas impressões, dúvidas, interesses. Desse modo, ainda que as crianças gostassem muito da música da novela, provavelmente não conheciam os músicos nem tinham visto o grupo cantando. Assim, antes de ir para outros conhecimentos, contar outras histórias e discutir questões socioculturais mais específicas, o professor selecionou o clipe da música em que os integrantes do *Grupo Revelação* estivessem presentes e tocando seus instrumentos.

Avaliamos coletivamente que foi importante mostrar a imagem dos músicos, pois eles e elas não os conheciam. Ficaram muito animados, gostaram das imagens enquanto o professor ia tentando nomear os membros do conjunto. Assistimos ao clipe da música em um show, vimos os músicos, os instrumentos e as crianças cantaram. O professor registrou a fala das crianças sobre o vídeo: “ficam em cima de quadrados”, que “parece um show bonito”, “que eles (músicos) são bonitos”. Também puderam ver como algumas pessoas dançam samba, quando passaram algumas mulheres dançando, as alunas comemoraram, pediram para voltar o vídeo, “olha que lindas”, “olha a roupa delas”, “parece a minha mãe”, “minha mãe é bem perua”, “ela ama usar top”.

Reprisamos várias vezes essa parte do clipe para que as crianças observassem bem os gestos. Outra coisa que comentamos foi que o cantor, o sambista Xande de Pilares, não está mais no grupo *Revelação*. Quando os estudantes souberam, ficaram tristes, perguntaram por que ele saiu, se ele brigou com os colegas, mas o professor não soube responder no momento. Sobre o “quadrado” que eles ficam em cima, o professor buscou outro vídeo no mesmo momento para que os/as estudantes compreendessem que aquele era apenas o palco de um show específico.

O outro vídeo era um clipe do show do *Revelação* e outros músicos no famoso bloco de samba *Cacique de Ramos*. Nesse, pudemos observar que os grupos de samba geralmente ficam em roda e/ou ao redor de uma mesa. Os alunos e alunas disseram: “tem mais gente”, “é mais bagunçado”, “eles bebem cerveja? ”, “tem dois tocando pandeiro”, “as mulheres são mais feias”. Já no fim, o professor perguntou: “vocês reparam alguma coisa nos cantores?”. Eles disseram várias coisas, mas não tinham reparado que todos eram homens. Novamente, o professor perguntou: “vocês viram que nos dois clipes de

² Sugestão dos colegas do GPEF.

samba, só tem um tipo de pessoa? ” A partir daí um dos meninos identificou que só tinha homens. Uma outra menina disse naturalmente que as mulheres só dançavam, enquanto os homens tocavam os instrumentos e bebiam cerveja.

Sim, os vídeos assistidos até então só mostravam músicos homens. Assim, pensando em desconstruir essa ideia, mostrei para os estudantes um vídeo do grupo *Entre Elas*³. Os/as estudantes gostaram muito, dançaram, falaram que era muito bonito. “Elas tocam bem”, “tocam melhor que homem”, “tem dois homens tocando ali, elas deviam tirar e fazer uma banda só de meninas”. A impressão que as crianças tiveram foi muito positiva.

Pensando em borrar a identidade sambista, o professor perguntou para as crianças se havia crianças que tocavam samba ou que gostavam de samba. Os alunos prontamente disseram que sim, mas não conheciam nenhum amigo que tocava em grupo ou escola de samba. Apenas as duas meninas que afirmaram que na *Pérola Negra*, havia meninos e meninas que tocavam instrumento e que frequentavam o samba. Vimos, então, o vídeo sobre um menino chamado Renan (Renanzinho Batuqueiro) tocando vários instrumentos. As crianças curtiram muito, ficaram admirados com o menino tocando samba, bateram palmas para acompanhar a música e novamente viram os instrumentos.

Depois, outro elemento que precisávamos ver era a bateria de escola de samba. Quando falamos sobre isso, alguns alunos bem confusos disseram: “mas qual escola? Aqui?” “Escola de samba é para aprender samba”, “Aqui não é escola de samba, é escola normal”. Mostramos dois vídeos, um da escola de samba *Mangueira* e outro da *Pérola Negra*. Assistimos e outra vez na salinha os alunos e alunas foram à loucura, o som estava bem alto, eles e elas dançaram bastante, fazendo vários gestos: sambaram na ponta do pé; dançaram fingindo que tocavam algum instrumento; rodaram rápido de mãos dadas; ficaram trombando uns nos outros; dançaram fazendo passos que observaram nos vídeos. Quase todos os/as estudantes dançaram tentando imitar as colegas que sambam na *Pérola Negra* ou as estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental que nos ajudaram na semana anterior.

Avaliando sobre o que falavam do samba no início da experiência pedagógica, mais ou menos no meio do semestre, o professor observou que as crianças já tinham aprendido bastante sobre o ritmo/dança. Já conseguiam dançar de outras formas e reconheciam melhor a batida e o ritmo samba.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ia4Eq2WeGmw>. Acesso em: 02/03/2020.

Fotografia 4. Alunos e alunas assistindo ao desfile da escola de samba do bairro
(*Pérola Negra*)



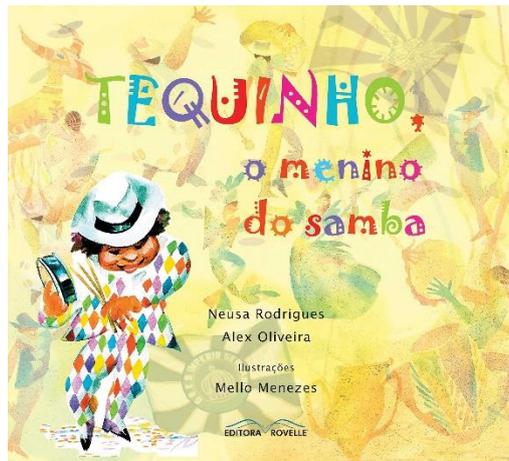
Fonte: Imagem do autor

De novo, em uma reunião do GPEF, emergiu a preocupação com a ausência das questões históricas do samba e com a reforma no barracão da escola de samba do bairro. Voltamos com algumas sugestões dos/as colegas aproveitando as discussões sobre escolas de samba, bateria, samba-enredo, o professor apresentou-lhes o livro *Tequinho, o menino do samba*⁴.

O professor fez a leitura no pátio e, enquanto lia, mostrava as ilustrações para a turma. No livro, o Tequinho é um menino negro, cuja bisavó é a presidenta de uma escola de samba. Com ilustrações que as crianças adoraram, o livro infantil explica sobre os ritmistas, passistas, velha guarda, mestre-sala e porta bandeira, mostra também a ala das baianas, a relação do samba com as comunidades, cita os morros do Rio de Janeiro, o sambódromo da Marquês de Sapucaí e a feijoada. Importante citar que muitos alunos e alunas acompanharam a leitura, queriam muito ver as imagens e ficaram felizes com o final. Outros não ligaram muito, corriam pelo pátio e paravam poucas vezes para ouvir a história.

⁴ Autores: RODRIGUES, Neusa; OLIVEIRA, Alex. Ilustrações de MENEZES, Melo. Editora: Rovelte, 2009.

Imagem 1. Capa do livro



Fonte: Disponível na internet

Os alunos e alunas disseram coisas como: “o Tequinho é feio! O cabelo dele é enrolado”. “As mais bonitas são a loira e a cabelo rosa”. “Minha família gosta de samba”. “Minha família gosta de feijoada”. “A mãe do Tequinho parece a minha”. “A vó do Tequinho parece homem, ela usa óculos e cabelo curto”.

Fotografia 5. Professor contando a história para as crianças



Fonte: Imagem do autor.

Na aula seguinte, fomos novamente à sala de TV, lá vimos outro desfile de escola de samba completo. Dessa vez, observamos outras alas e elementos da escola de samba

que ainda não tínhamos estudado, dentre elas: a comissão de frente, o mestre sala e a porta-bandeira, os carros alegóricos, a bateria e mulheres na bateria.

Fotografia 6. Aluna sambando imitando uma porta-bandeira



Fonte: Imagem do autor.

Os estudantes gostaram bastante, tentaram imitá-los na sala de TV, dançavam em duplas, girando, fazendo gestos para uma arquibancada imaginária. A rainha de bateria foi o grande destaque. Dois meninos ficaram mexendo na tela da televisão como se estivessem mexendo no seio da passista, diziam que estavam pegando no “peitinho”. No momento, o professor não conseguiu problematizar tal questão, algumas alunas e alunos impediram que eles fizessem isso novamente. A roupa curta, a barriga e as pernas à mostra geraram muitas falas e olhares. Alguns de reprovação, outros de admiração. Algumas meninas disseram que ela era linda, outras disseram que não gostaram porque ela estava muito pelada.

Dentre os elementos da escola de samba, a rainha da bateria a porta-bandeira e o mestre sala foram os que mais chamaram atenção dos alunos e alunas.

Fotografia 7. Alunos sambando imitando o mestre-sala



Fonte: Imagem do autor.

Nas aulas seguintes, o professor enviou aos responsáveis das crianças um bilhete na agenda, perguntando se eles conheciam/gostavam de samba, se sabiam tocar algum instrumento/cantar samba e se estavam disponíveis para irem à escola. Os alunos e alunas trouxeram as atividades que o professor enviou na agenda. A tarefa consistia em pedir à família para conversar sobre o samba, se conheciam, tinham proximidade, se sabiam tocar algum instrumento, se gostavam de algum cantor/a, grupo, escola de samba, etc. Os responsáveis pelos alunos e alunas também podiam indicar uma música que gostavam e assim ouvir juntos.

As crianças trouxeram várias histórias, muito animadas contaram sobre a relação de suas famílias com o samba, por exemplo que os pais tinham se conhecido e começaram a namorar em uma festa de samba, outra que os pais e mães já tinham desfilado em escolas de samba. As músicas foram as mais diversas, disseram que os responsáveis gostavam bastante de samba e que eles não lembravam ou não sabiam que aquelas músicas eram sambas. Citaram os/as artistas: Ferrugem, Zeca Pagodinho, Martinho da Vila, Jorge Aragão, Beth Carvalho, Fundo de Quintal e Dudu Nobre.

Ouvimos as músicas que eles indicavam que os pais ouviam e gostavam, alguns sambaram, dançaram de diferentes formas, outros se dispersaram bastante, ficaram brincando de outras coisas e, em alguns momentos, participavam da dança. Nas palavras dos alunos e alunas: “meu pai gosta de samba, mas não pode vir aqui porque ele trabalha”,

“meus pais se conheceram dançando samba, sabia professor?”, “antes de eu ter nascido, minha mãe disse que já desfilou, aqui e no Rio de Janeiro. Ela nunca tinha me contado, professor”, “meu pai colocou o clipe dos sambistas e cantou pra mim”, “meu pai conhece um monte de sambistas do emprego dele”, “minha mãe sabe sambar muito bem professor, ela dança com meu pai”.

Com essa atividade, penso que os alunos e alunas tiveram uma maior noção da aproximação de suas famílias com o ritmo e a dança. Os estudantes adoraram ouvir a música que seus responsáveis indicaram. Eles e elas não deixavam os colegas retirarem a música que estava tocando. As músicas que mais tocaram foram *Bagaço da Laranja*, do Zeca Pagodinho, *Devagar, devagarinho*, do Martinho da Vila, *Vou festejar*, da Beth Carvalho e *A batucada dos nossos tantãs*, do grupo Fundo de Quintal.

(...) Este samba é pra você
Que vive a falar, a criticar
Querendo esnober, querendo acabar
Com a nossa cultura popular
É bonito de se ver
O samba correr, pro lado de lá
Fronteira não há, pra nos impedir
Você não samba mas tem que aplaudir (...)⁵.

Na aula seguinte, o professor começou lendo uma matéria para as crianças sobre a participação das mulheres no samba⁶. Contou com as suas próprias palavras sobre as baianas, os terreiros que ajudavam e davam proteção aos sambistas que eram impedidos de tocar nas ruas sob a acusação de vadiagem. No início, eles e elas ouviram atentamente, gostaram da história, acharam as mulheres muito corajosas e viram que elas foram muito importantes na história do samba. Depois, ficaram agitados e quiseram dançar. Apesar das tentativas, ainda não tínhamos conseguido nenhum familiar ou responsável para ir à escola. A escola de samba do bairro também estava fechada e não conseguimos contato.

Eis que na reunião do GPEF, enquanto o professor e os colegas do grupo avaliavam as experiências passadas e planejavam as atividades futuras, um colega indicou um amigo músico e sambista que poderia ir à escola fazer uma atividade com as crianças. Conseguimos entrar em contato com o músico e marcamos uma atividade de conversa e

⁵ Compositores: Adilson Gavião / Robson Guimaraes / Jalcireno Oliveira. Letra de A Batucada dos Nossos Tantãs. Do Fundo do Nosso Quintal © Warner Chappell Music, Inc.

⁶ Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2016/02/09/raizes-do-samba-qual-foi-a-importancia-historica-das-mulheres-na-21695933/>. Acesso em 02/02/2020.

vivência com as crianças. Na semana seguinte, o Zuluh Nascimento foi à escola e desde quando chegou chamou muita atenção das crianças. Uma delas disse: “nossa professor ele é o Tequinho?”, “o cabelo dele é bonito igual ao do Tequinho”. Elas e eles estavam muito felizes em receber o músico que levou vários instrumentos profissionais, que as crianças, até então, só tinham visto de brinquedo ou pela televisão.

Fotografia 8. O músico/sambista Zuluh Nascimento falando sobre o samba e os instrumentos



Fonte: Imagem do autor.

A atividade com o músico Zuluh começou com ele falando sobre o samba, mostrando o ritmo, as palmas e como tocava os instrumentos. As crianças, em um primeiro momento, não conseguiram se conter às explicações do convidado. O olhar delas estava direcionado para os instrumentos, queriam ficar perto e diziam que logo seria a vez dele ou dela tocar.

No meio da aula mudamos a estratégia, distribuimos os instrumentos para as crianças, aguardamos que tocassem um pouco, esperamos a curiosidade diminuir e depois o Zuluh começou a falar como conheceu o samba, onde tocava, como era uma roda de samba, falou também sobre o toque de alguns instrumentos e mostrou um ritmo com palmas.

Conseguimos nesse dia dançar, vivenciar o ritmo, dançar, tocar instrumentos e ouvir as experiências de um sambista profissional. Foi muito importante para o professor ouvir algumas crianças falarem com empolgação, atribuindo valores positivos ao samba, identificando-o como uma prática corporal admirável, tais como: “nossa professor ele

toca muito bem”, “é uma delícia dançar samba com ele tocando” e “professor ele pode vir aqui mais vezes? ”.

Fotografia 9. As crianças experimentando os instrumentos



Fonte: Imagem do autor.

Seguindo com a experiência pedagógica, um outro colega indicou uma professora da escola em que ele trabalha que também tem uma vida toda relacionada ao samba e que ela poderia nos visitar na escola. O professor entrou em contato com a sambista que prontamente atendeu. Já na última semana de aulas, a professora Jamila Prata Aguiar compareceu à escola e também levou seus instrumentos.

Com uma abordagem diferente, ela começou tocando berimbau, contando histórias da mitologia africana sobre a origem do céu e da terra. Não demorou, as crianças estavam todas bastante atentas e cantando a música da história. As crianças ficaram encantadas com o berimbau, a professora Jamila apresentou o atabaque, o caxixi, o pandeiro, o tamborim e o agogô. Como não havia instrumentos para todos e todas, alguns revezaram ou tocaram juntos quando podiam, em determinado momento, começamos a tocar juntos a música que a professora ensinou.

Fotografia 10. A professora Jamila Aguiar cantando



Fonte: Imagem do autor.

Um dos alunos perguntou sobre a origem do nome Jamila, ela respondeu que uma das origens era africana e significa bela e bonita. Outro aluno que era negro disse que a origem do nome dele também vinha da África e que a família dele já tinha contado histórias sobre os povos do continente africano. Importante dizer que esse aluno tinha muitas dificuldades de acompanhar as atividades de classe e ficou completamente encantando pelo atabaque. Destaca-se que em nenhuma das aulas até esse momento, ele tinha participado de forma tão intensa das práticas ou das discussões. Nessa aula foi bem diferente.

Já no fim do semestre é possível dizer que a experiência curricular que começou devagar, com pouco interesse dos alunos e alunas, e quase sem aprofundamento, deslanchou. As discussões e atividades que aconteciam do meio até o fim do projeto contavam com a participação empolgada de muitas crianças, de diferentes formas, fosse dançando, cantando, tocando instrumentos, assistindo vídeos ou comentando sobre os conteúdos, participaram intensamente.

É possível afirmar que algumas crianças conheceram mais sobre os elementos do desfile das escolas de samba, conheceram os instrumentos, puderam tocá-los e ouvi-los. Falaram sobre os personagens da escola de samba, o papel que cada um tinha no desfile, bem como as questões históricas que envolvem essa prática corporal. A visita dos dois

professores sambistas foi fundamental para a qualidade da experiência curricular. Com eles, o samba ficou mais agradável, encantador e bastante relacionado com a história dos povos africanos e afro-brasileiros.

Fotografia 11. A professora Jamila Aguiar contando sobre orixás, instrumentos e os povos africanos



Fonte: Imagem do autor.

Por fim, é preciso reconhecer a dificuldade de se tematizar uma prática corporal que o professor tinha pouco conhecimento e que não esteve presente na sua formação. Aqui, podem não ficar explícitas todas as dúvidas e dificuldades que o professor enfrentou na produção dessa escrita curricular, todavia é preciso dizer que a falta de intimidade não se constituiu em fator impeditivo para a tematização. Ao contrário, ele foi pesquisar, ouvir músicas, conversar com pessoas, a fim de conhecer mais sobre o samba. Assim, a parceria entre o docente e os colegas do grupo de pesquisas, bem como a participação dos professores sambistas Zuluh Nascimento e Jamila Aguiar potencializaram a experiência curricular aqui relatada. Registre-se aqui então, a todas as pessoas envolvidas o mais sincero agradecimento.